

Os modos de interação em um grupo de marcha e corrida da cidade do Porto-Portugal

Monica Benfica Marinho
Universidade do Estado da Bahia
monica.benfica@uol.com.br

Envio original: 05-02-2023. Revisões requeridas: 02-04-2023. Aceitar: 03-07-2023. Publicado: 16-10-2023.

Resumo

Este artigo analisa os modos de interação em um grupo esportivo nomeado “Carapaus” vinculado ao Programa Nacional de Marcha e Corrida, desenvolvido em Portugal. Se inscreve no campo da Sociologia do Desporto Apresenta as práticas empreendidas e discute como os saberes, as maneiras de dizer e de fazer circulam e incorporam-se no grupo. Considera os eventos de confraternização e esportivos importantes rituais de engajamento que marcam e aprofundam o sentido de pertencimento. As formulações teóricas e as elaborações empíricas estão ancoradas nas teorias interacionista e da ação. A observação participante, os registros das observações e o relato etnográfico compõem a metodologia, estendida à análise do *Facebook* considerado uma importante ferramenta para a manutenção da coesão do Carapaus. Conclui-se, por fim, que as ações desenvolvidas no interior do grupo esportivo o sustentam e revelam seu sentido.

Palavras-chave: Interação; Práticas institucionais; Envolvimento.

Resumen

Este artículo analiza los modos de interacción en un grupo de corredores denominado "Carapaus", vinculado al Programa Nacional de Marcha y Carrera, que se lleva a cabo en Portugal. Se inscribe en el campo de la Sociología del Deporte Presenta las prácticas realizadas y discute cómo los saberes, las formas de decir y hacer transitan y se incorporan al grupo. Considera los acontecimientos sociales y deportivos como importantes rituales de compromiso que marcan y refuerzan el sentimiento de pertenencia. Las formulaciones teóricas y las elaboraciones empíricas se fundamentan en las teorías interaccionista y de la acción. La observación participante, los registros de observación y el informe etnográfico componen la metodología, ampliada al análisis de Facebook, considerado una herramienta importante para el mantenimiento de la cohesión de Carapaus. Se concluye, finalmente, que las acciones desarrolladas en el seno del grupo deportivo lo sostienen y revelan su sentido.

Palabras clave: Interacción; Prácticas institucionales; Participación.

Abstract

This article analyses the modes of interaction in a sports group named Carapaus linked to the National March and Race Program, developed in Portugal. Falls within the field of Sociology of Sport. It presents the practices undertaken and discusses how the knowledges, the ways of saying and doing circulate and are incorporated into the group. It considers fraternization and sporting events to be important engagement rituals that mark and deepen the sense of belonging. The theoretical formulations and empirical elaborations are anchored in interactionist and action theories. Participant observation, records of observations, and ethnographic reporting compose the methodology, extended to the analysis of Facebook as a tool for maintaining the cohesion of Carapaus. It is concluded, finally that the actions developed within the sports group sustain it and reveal its meaning.

Keywords: Talking Interaction, Institutional practices; Involvement.

Introdução

Neste trabalho ¹ apresento um estudo da organização, do funcionamento e das interações de um grupo esportivo do concelho de Matosinhos, no distrito do Porto, em Portugal, denominado “Carapaus”, meu universo de investigação. Este grupo é um Centro de Marcha e Corrida que surge como desdobramento do Programa Nacional de Marcha e Corrida (PNMC)² desenvolvido em Portugal que tem início em 2009. De acordo com o professor da Faculdade do Desporto da Universidade do Porto, Paulo Calação, diante do fenômeno da corrida de rua em Portugal foi considerado necessário oferecer uma atenção especializada aos (as) corredores (as) que tomam conta das ruas, parques, praias e trilhas do país ³A constituição formal do Projeto foi consubstanciada através da assinatura de um protocolo entre a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), o Instituto do Desporto de Portugal (IDP) e a Federação Portuguesa de Atletismo (FPA) Em parceria com os distritos os Centros Municipais de Marcha e Corrida são criados para a implementação do Programa que recebe as pessoas que se deslocam a cada um desses Centros de Marcha e Corrida, independentemente de sua experiência na prática de caminhada ou da corrida⁴.

É relevante ressaltar que clubes, associações e outras entidades podem também formar uma Centro de Marcha e Corrida, apresentando sua candidatura ao Programa.

Como cheguei ao Carapaus? Durante dois meses, frequentei espaços de corrida de dois Concelhos do Distrito do Porto: o Concelho de Matosinhos e o Concelho do Porto (leva o mesmo nome do Distrito) e deparei-me com os Centros de Marcha e Corrida. No ano de 2019, quando iniciei a pesquisa, Portugal tinha um número de 85 centros espalhados pelo país. Dos dezoito concelhos do Distrito do Porto dez dispunham de centros de marcha e corrida em funcionamento. Os centros do Concelho do Porto, naquele período, eram o Centro de Marcha e Corrida Acadêmico Futebol Clube e o Centro Municipal de Marcha e Corrida do Porto, dois, portanto. Já os de Matosinhos, quatro: o Centro de Marcha e Corrida União das Freguesias de São Mamede de Infesta e Nossa Senhora da Hora (“Caminhas ou corres”); o Centro de Marcha e Corrida da União das Freguesias “Lousada”, Peralfita, Lavra e Santa Cruz do Bispo (“Põe-te a Prova”); o Centro de Marcha e Corrida União das Freguesias

¹ O trabalho é um produtos da pesquisa realizada durante o estágio Pós-Doutoral, no Centro de Formação, Inovação e Intervenção em Desporto, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, no período de setembro de 2019 a julho de 2020. Apresenta os resultados de um estudo etnográfico realizado naquele período com um grupo esportivo de marcha e corrida.

² Centro de Marcha e Corrida é a nomeação recebida pelos grupos esportivos de marcha e corrida vinculados ao Programa Nacional de Marcha e Corrida

³ Informação verbal obtida com o professor Paulo Calação em um encontro com ele na Faculdade de Desporto na Universidade do Porto, em 25 de novembro de 2019.

⁴ Informação disponível em [http:// www.marchaecorrida.pt](http://www.marchaecorrida.pt).

de Custóias, Leça do Balio, Guifões (“Carapaus”) e o Centro de Marcha e Corrida União das Freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira (“Titãs da Corrida”). Esses centros de Matosinhos, além de terem seus nomes “oficiais”, que são atrelados às suas respectivas freguesias, receberam uma nomeação peculiar (acima entre parênteses) por parte de seus integrantes.

Através de uma rede contatos iniciei minha participação no Centro de Marcha e Corrida do Porto, que foi criado em 2013. Surpreendi-me com o grande número de participantes presentes em vários subgrupos, agregados pelo desempenho e, principalmente, por afinidades.

Meu tempo de permanência foi curto no Centro de Marcha e Corrida do Porto, dois meses. Resolvi deixar o grupo e buscar outro que pudesse oferecer condições mais propícias para a minha investigação. A essa altura, já tinha decidido permanecer em um Centro de Marcha e Corrida⁵. Instituição que me despertou atenção pelo fato de que surge vinculada a um Programa de abrangência nacional. Em decorrência dessa vinculação ao PNMC, as atividades nos centros são organizadas de forma mais metódica, com treinos realizados três vezes por semana.

Apelando para o critério geográfico, procurei um centro que me oferecesse uma maior facilidade de acesso. Com esse critério definido, identifiquei o Centro de Marcha e Corrida da União das Freguesias de Custóias, Leça do Balio, Guifões, o Carapaus⁶, pertencente ao Concelho de Matosinhos. Foi um feliz encontro. Senti-me acolhida e festejada. Como não perceber nesse encontro a força da simpatia que junta os tão distantes?

Na análise do grupo destaco “fatores constitutivos da estrutura dos grupos (redes de comunicação, hierarquia dos papéis e dos *status*) e a apreensão de fenômenos coletivos como o ambiente, a coesão, a moral, a normatividade” (Oberlé, 2016, p.,138).

Permeia meu trabalho a concepção de Strauss (1999) de que os estudos microscópicos devem considerar a identificação das condições estruturais pertinentes, assim como compreender o modo apropriado das estruturas e das ações macroscópicas, levando em conta o que ele chama de “condições de identidade” que recaem sobre o macroscópico.

O processo da coleta de dados é composto da observação participante, realizada no período de novembro de 2019 a março de 2020. Inicialmente, a observação estava prevista para ir até junho de 2020, e seriam realizadas, também, entrevistas com membros do grupo. Entretanto, com a chegada do coronavírus, o SARS-CoV-2 (Síndrome Respiratória Aguda Grave), em Portugal, e a disseminação da Covid-19 no país, esse período foi abreviado. Nessa situação, as atividades de observação e a realização das entrevistas tiveram que ser suspensas. Diante desse impedimento, lancei mão do formulário *do Google Forms* e o disponibilizei através *WhatsApp* do grupo, com o objetivo de coletar os dados que me

⁵ Durante a pesquisa identifiquei 50 grupos de corrida espalhados pelo distrito do Porto.

⁶ Cada Centro recebe o nome da freguesia ao qual está vinculado. No Distrito do Porto

permitiriam delinear a trajetória de corredores (as) dos integrantes do Carapaus. Utilizei também a coleta de dados na página do grupo no *Facebook*.

Apresentação do Carapaus: Organização, Funcionamento, Interações

O Carapaus foi criado em 2015. É um Centro de Marcha e Corrida que abrange as freguesias de Leça do Balio, Custóias e Guifões do concelho de Matosinhos, do Distrito do Porto, e encontra-se regido por normas e regras do Plano Nacional de Marcha e Corrida. A apresentação visual do grupo traz sempre o logotipo criado pelo Programa para os Centros de Marcha e Corrida. Por sua vez, a nomeação desses centros acha-se associada à freguesia a qual pertencem ou, se for o caso, a um clube desportivo ou a uma outra instituição à qual estão vinculados, como no caso do Centro de Marcha e Corrida Acadêmico Futebol Clube Porto, que é um tradicional clube esportivo do Porto. Daí o Carapaus receber a denominação de Centro de Marcha e Corrida das Freguesias de Leça do Balio, Custóias e Guifões, pois abrange as respectivas freguesias do concelho de Matosinhos, no distrito do Porto.

Apesar das prescrições simbólicas por parte do PNMC, que implica em uma padronização da apresentação dos centros, alguns deles tornaram-se singulares nesse aspecto, como é o caso do Carapaus, ao criarem uma nomeação própria (Carapaus) e fazerem uma intervenção na logomarca criada pelo Programa. Também é o caso dos outros três centros de Marcha e Corrida do concelho de Matosinhos que identifiquei no período em coletei os dados para meu estudo: “Caminhas ou Corres”; “Põe-te a Prova” e Titãs da Corrida”. Os dois outros centros pertencentes ao concelho do Porto mantiveram seus nomes de origem. Assim, convivem superpostos os símbolos criados pela instituição à qual estão submetidos e os símbolos criados pelos próprios centros para se definirem.

Carla Varanda, a técnica de caminhada⁷, assim descreve o processo de definição do nome do grupo:

Quando em Portugal dizemos “estar armado em carapau de corrida”, esta expressão significa que alguém está a armar, que está a exhibir, mas não é com esse significado que eu dizia “É carapau”. Quando eu via os membros do Centro de Marcha a correr, eu dizia eh! é carapau!, porque aquela expressão era bonita, era carapau de corrida, mas não num, num sentido pejorativo, mas sim de elogio por eles virem a correr. Por isso ficou é Carapau. Então, um membro, um membro nosso, que é *designer*, um dia fez um logotipo e colocou os dois carapaus e pôs carapaus embaixo, pronto, e ficou os Carapaus.

⁷ Para os centros, dois técnicos devem ser designados, sendo um para marcha e outro para corrida, os quais deverão orientar os treinos. Os técnicos devem ter formação superior, curso de treinadores de atletismo e/ou os cursos do PNMC.

A camiseta do grupo Carapaus, com a sua logomarca, é muito valorizada e deve-se garantir seu uso nos treinos e, principalmente, nos eventos. O grupo que mais faz uso da camiseta nos treinos é o de marcha. Os membros da corrida costumam usá-la mais nos eventos. Como marcas identitárias do grupo, que se materializam em objetos, gestos, palavras, verifiquei que, além da camiseta, o grupo tem seu “grito de guerra”: Carapaus! Carapaus! Carapaus!, que é entoado em momentos importantes como os treinos comemorativos de datas, que marcam o calendário como Natal, Carnaval, por exemplo, ou eventos significativos para o grupo. Ressalto que essas marcas têm um poder valioso de unificação da identidade do grupo.

O grupo é normatizado pelo PNMC também em relação à estrutura dos treinos, que envolvem tanto os espaços onde devem acontecer, quanto à forma de realização. Apesar de tal normatização, cada centro vai se apropriando de forma singular desses espaços e inserindo elementos nos treinos em que estão estreitamente relacionados com a disposição dos treinadores.

O Carapaus contava, no ano de 2020, com 98 inscritos, divididos em grupo de caminhada e grupo de corrida.⁸ O de caminhada é acompanhado pela técnica Carla Varanda, como já mencionado, e o de corrida pelo técnico Ricardo Jesus⁹. Os dois grupos têm treinos três dias da semana, nas terças-feiras, nas quintas-feiras, e no sábado, saindo dos mesmos pontos de partida e mesmos horários. O local de saída do treino é também o local de chegada. O treino do sábado é considerado um treino de “encontro”. As atividades são voltadas para a caminhada, quando se juntam os membros do grupo de marcha e do grupo de corrida. Os percursos são feitos em trilhas, além dos percursos no espaço urbano. Às vezes, há percursos mais longos de 10 km. Depois dos treinos aos sábados, seus integrantes se reúnem em algum estabelecimento próximo ao local de encontro para compartilharem comidas e bebidas. No sábado, os treinos são mais lúdicos, promovem a aproximação mais estreita entre seus membros.

O grupo de corrida é formado por dois subgrupos: um intermediário e um avançado. Classifico como grupo intermediário aquele formado por membros que fazem um percurso entre 6 e 8 km, em média, por treino, podendo fazer treinos mais longos de 10 a 12 km. No grupo avançado, seus membros fazem treinos com não menos de 10 km e em ritmo com *pace* (ritmo médio de correr medido em minutos por quilômetro) de 5, ou abaixo de 5, e costumam participar de maratonas.

O grupo intermediário conta com o acompanhamento do técnico e de um dos membros que tem um papel de destaque no grupo pelo seu grau de envolvimento, que é expresso por suas ações que

⁸ Estar inscrito não significa estar participando naquele momento dos treinos. Durante minha observação identifiquei uma média de 50 pessoas que frequentavam os treinos distribuídas entre os grupos de corrida e de caminhada. Muitos inscritos ou não deram início às atividades, ou já deixaram o grupo, ou estão temporariamente ausentes.

⁹ Os dois técnicos permanecem responsáveis pela pelos treinos até o momento.

lhe dão sentido de pertença que se destaca dos demais. No meu período de observação, identifiquei 13 corredores distribuídos nesses dois subgrupos que participaram dos treinos, entre eles duas mulheres. Sobre a participação dos integrantes do grupo de corrida nos treinos, percebi que os corredores do grupo avançado têm uma participação mais flutuante, ao contrário do grupo intermediário.

Em relação ao grupo de marcha, verifiquei a presença média de 30 pessoas durante os treinos. O grupo de marcha é bem maior, mais coeso, e seus membros mantêm uma presença bem mais estável nos treinos.

A atividade do grupo, no que diz respeito aos treinos, segue o seguinte roteiro: os integrantes vão chegando aos poucos ao local estabelecido e interagindo descontraidamente. A ação formal se inicia quando o técnico da corrida dá o comando para a realização de exercícios de aquecimento para todos os membros da corrida e da marcha. Depois dessa atividade, a técnica direciona o grupo para a realização de uma foto, uma ação muito significativa, pois esses registros irão alimentar a página do grupo no *Facebook* e que será objeto de *likes* e comentários.

Em seguida, a técnica dá os avisos que, geralmente, giram em torno de eventos a serem realizados ou participação em eventos. Na sequência, inicia-se a atividade considerada central, quando o grupo, então, divide-se em três: o da caminhada, orientado pela técnica; o da corrida intermediária, com orientação do técnico; e o grupo avançado de corrida que faz um percurso maior, e mais rápido, e que não é acompanhado por um técnico, mas por algum membro mais assíduo que acaba sendo a referência para o grupo.

A partir da atividade de aquecimento até a saída para a caminhada e a corrida, os treinadores desempenham, na interação, um papel centralizador através dos direcionamentos e também pela ocupação vertical do espaço em relação ao grupo. Isso permite que sejam identificados seus *status* dentro do grupo. Quando a atividade de caminhada e corrida se inicia, eles se misturam aos membros e as interações passam a ser horizontais. Neste momento, conversas com os mais diferentes temas irrompem nos dois grupos. Quando o percurso é finalizado — quando se chega ao local de onde se partiu — os membros se dispersam. Alguns ainda mantêm uma conversação, mas é hora de se recolher.

O Carapaus, como grupo, não deixa de apresentar uma certa hierarquia entre seus membros, que é expressa em seu funcionamento. Identifiquei essa hierarquia da seguinte forma: aqueles (as) com mais elevado *status* no grupo, que são os técnicos, e os que ocupam um segundo lugar na escala, assumindo tarefas juntamente com os técnicos, como participar da organização de eventos, acompanhar os treinos de corrida e ajudar no estabelecimento dos roteiros de treinos. Por exemplo, um integrante do Carapaus, que é corredor avançado, assume a função de treinador. Ele acompanha, com o treinador, o grupo intermediário e estabelece itinerários, e também aqueles que se vinculam através da participação nos treinos e/ou eventos. Ainda dentre esses, observei uma gradação entre aqueles que são

centrais no grupo pela assiduidade nos treinos, pela participação nos eventos, e que expressam constantemente sua satisfação em pertencer ao grupo, e os “periféricos”, cujo pertencimento é mais frouro.

Além da interação face a face, o grupo interage através de redes sociais online. O Carapaus tem uma página no *Facebook*¹⁰, criada por Carla Varanda, em 23 de setembro de 2015, e um grupo no *WhatsApp*, formado também pela treinadora, em 17 de setembro de 2019. No mês de março de 2020, constava a inscrição de 54 membros no *WhatsApp*, participantes da marcha e da corrida.

Eventos de confraternização e eventos de corrida como práticas institucionais.

As práticas institucionais bastante valorizadas pelo Carapaus são a produção de eventos e a participação em eventos.

Os eventos de confraternização do Carapaus são os encontros que acontecem em datas comemorativas como o Natal, o Carnaval e o aniversário do grupo, que são marcados com um almoço ou um jantar, e são considerados grandes eventos. Faço referência ainda às confraternizações que acontecem aos sábados, depois do treino; e às que acontecem, também depois do treino, na comemoração dos aniversários de seus membros

Esses encontros revelam o envolvimento dos sujeitos com o grupo. Em dois grandes eventos comemorativos dos quais participei, o almoço de Natal e o almoço de Carnaval, observei uma grande presença dos participantes do grupo de marcha e a ausência significativa dos membros do grupo da corrida. Os poucos que estavam presentes, eram os que já demonstravam maior envolvimento com o grupo, expresso com a participação nos treinos de sábado, que se destina somente à caminhada, com a presença nas confraternizações pós-treino e com a participação na organização de eventos, por exemplo. Mesmo os frequentadores mais assíduos dos treinos de corrida não foram vistos nesses eventos.

Tomo aqui como referência a concepção de Strauss (1999) de que “Estar envolvido profundamente no curso de uma ação é ‘cuidar’, preocupar-se, identificar-se com ela” (Strauss, 199, p.57). Na tentativa de deixar mais clara as ações de envolvimento por parte dos membros, elas foram assim classificadas: **envolvimento total**, que implica participação em todas as atividades do Carapaus, inclusive com a interação via *WhatsApp* e a assunção de tarefas; **envolvimento médio**, aquele que se limita a presença nos treinos e em eventos de corrida; **envolvimento fraco**, pouco ou nunca comparece aos treinos, mas seu pertencimento é marcado via *Facebook* como participante de algum

¹⁰<https://www.facebook.com/centrodemarchaecorridauniaodefreguesiasdeleçadobáliocustóiasseguições>

evento de corrida, ou data de seu aniversário. Mais adiante vou tratar das interações via redes sociais online no âmbito do grupo.

Como referido acima, nos eventos de confraternização, os corredores comparecem pouco. São eventos mais valorizados pelo grupo de marcha e são considerados importantes como rituais de engajamento, nos quais se marca e se aprofunda o sentido de pertencimento. Um exemplo desse sentimento é o lema que atravessa o grupo, dito pela treinadora durante um evento: “O importante não é correr, mas conviver”. Strauss (1999) lembra que:

Um exame do que significa empenhar-se a ser dedicado tornaria ainda mais clara a vinculação entre os compromissos e um senso de identidade. Empenhar-se é uma ação ou empreendimento continuado, que tem a ver com esforçar-se por alcançar determinados valores que o indivíduo tem em alta estima. Uma vez que os valores não são questões puramente individualísticas, o esforço pessoal costuma ser um empreendimento compartilhado. Pode-se ver isso muito bem quando um indivíduo é membro claramente responsável de grupos que possuem objetivos muito bem delineados (Strauss, 1999 :57-58).

Na prática, a ideia de que a participação conjunta faz o grupo florescer está implícita nos eventos de confraternização. Assim, a quebra da regra, ou a conduta inadequada de não participar desses eventos, não passa despercebida, e diz quem são aqueles com quem o grupo “pode contar” e “não pode contar”.

Entendo essa situação a partir do constructo teórico de Goffman (2011) sobre os processos de interação¹¹, no qual ele analisa os rituais que são constitutivos da vida cotidiana e são fundados em encontros face a face. Para ele,

As regras de conduta invadem o indivíduo de duas formas gerais: diretamente, como obrigações, estabelecendo como ele é moralmente coagido a se conduzir; indiretamente, como expectativas, estabelecendo como os outros são moralmente forçados a agir em relação a ele. A obrigação muitas vezes será a expectativa do outro (Goffman, 2011:53).

Ainda me apropriando das formulações de Goffman (2011) sobre os “rituais de interação”, acho pertinente mencionar o “ritual de deferência por apresentação”, no sentido de fortalecer a base da compreensão do que venho elaborando aqui. Esse ritual é assim tratado pelo autor:

¹¹Para o autor, a interação “... pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata.”(GOFFMAN, 2003, p. 23). Para Strauss “A interação face a face é um processo fluido, móvel, ‘corrido’, durante seu curso os participantes tomam sucessivas atitudes com relação ao outro. Ora eles tergiversam, ora se movem num balé psicológico rítmico, mas sempre se movem por fases sucessivas de posição” (STRAUSS, 1999: 70).

Eu mencionei quatro formas muito comuns de deferência por apresentação: saudações, convites, elogios e pequenos serviços. Através de todos eles, o receptor é informado que ele não é uma ilha isolada, e que os outros estão, ou desejam estar envolvidos com ele e com suas preocupações pessoais particulares. Em conjunto, esses rituais fornecem um rastreamento simbólico contínuo de até que ponto o eu do receptor não foi fechado e obstruído em relação aos outros (Goffman, 2011 :74).

Compreendo, juntamente com o autor, que os rituais de interação atuam no sentido de garantir a solidariedade e promover a conformidade, dois elementos que abarcam os ordenamentos grupais. Nesses ordenamentos, a normatividade tem um peso grande, como diz Oberlé (2016, p.14): “É surpreendente ver quanto a normatividade dos grupos contribuem com a uniformidade das condutas”. No entanto, a autora não desconsidera o fato de que se os grupos influenciam/modelam as pessoas lhes imprimindo seu modo de fazer e de pensar, eles são também produzidos por eles (Oberlé, 2016). Ainda, a adesão às normas não deve ser vista apenas de uma perspectiva negativa. Ao contrário, ao se partilhar normas, abre-se caminho para as relações com os outros, uma vez que elas fornecem um quadro de referências comuns e permitem empreender ações que são impossíveis de se realizar sozinho (Oberlé, 2016)

Quando realizei a observação do grupo entre novembro de 2019 a início de março de 2020, verifiquei que o Carapaus esteve envolvido, participando como corredores, caminhantes ou como voluntários na organização de eventos de corrida. Os eventos não estão restritos ao concelho de Matosinhos ou do Porto, onde ocorrem os eventos de maior envergadura, mas a vários concelhos que fazem parte do distrito do Porto.

Tive conhecimento dessas participações nas interações face a face com os membros, participando dos eventos e, também, através da divulgação no *Facebook* e por ter acesso ao *WhatsApp* do grupo. Nem todas as participações de membros do grupo em eventos são divulgadas nessas plataformas, mas outras têm aí uma divulgação mais expressiva. Alguns eventos são mais divulgados durante os encontros do grupo e envolve maior participação/mobilização do Carapaus por parte dos treinadores. Apesar do grupo está voltado para a corrida de estrada, conhecida como corrida de pista ou asfalto no Brasil, participa também de provas de *Trail*, que são muito frequentes no distrito do Porto.

É bom lembrar que entre os anos de 2012 e 2018, no Porto, assistimos ao surgimento de grande parte dos grupos de corrida existentes hoje. Por sua vez, esses grupos alimentam o universo dos eventos disputando as provas, participando na organização ou sendo voluntários na sua organização.

No que diz respeito ao Carapaus, os eventos, seja de confraternização, seja um evento esportivo, são acontecimentos que agregam os membros, que juntam o que estava separado, que mobilizam as pessoas, que promovem contatos mais estreitos entre os membros.

Sobre a Trajetória dos (as) Corredores (as)

Nesta seção apresento dados que coletei junto ao grupo de corrida do Centro de Marcha e Corrida Carapaus. Tenho me dedicado à compreensão da prática social da corrida de rua organizada em grupo desde 2017, o que justifica meu interesse no grupo. Destaco quatro situações específicas do grupo de corrida que compõem o Carapaus: a) o impulso inicial para correr, b) o tempo de permanência na prática, c) os desafios que consolidam a carreira de corredor (a) e d) o pertencimento a grupos e desempenho. Considero tais situações marcadores da prática da corrida. Os dados para a discussão das condições referidas foram coletados através de questionários criados pela ferramenta *Google Forms* e enviados via *WhatsApp*. Dos treze membros do grupo de corrida que tive contato durante minha observação, obtive resposta de seis, provavelmente os que estão mais envolvidos com o grupo.

Dortier (2016:153) traça uma tipologia de corredores de rua que, para ele “... tem a vantagem de colocar à luz o percurso/trajeto de um corredor e os fatores que conduzem à transformação de um lazer em paixão”. Essa tipologia me serve de trilha para a discussão aqui proposta. Gostaria muito de, com base nessa tipologia, traçar um quadro mais amplo da trajetória dos corredores membros do Carapaus. No entanto, não considero suficientes para tal empreitada os dados aos quais tive acesso, pois como já esclarecido, foram coletados por via de um questionário online, limitação imposta pela pandemia da COVID 19.

Uns vão, uns ficam

A primeira etapa na carreira do (a) corredor (a) é constituída por aqueles que Dortier (2016) chama de debutantes (ou os que retornam à corrida depois de anos parados). Traçando os primeiros passos dos debutantes, identifica que “Muitas pessoas se lançam por razões exteriores à corrida: para perder peso ou evitar de ganhá-lo depois que se para de fumar” (p.152). Ele também lembra de que “além de ‘manter a linha’, que está longe de ser uma questão superficial como parece, uma outra dimensão existencial está em jogo: o desejo de se liberar de um outro peso, mais mental do que físico” (Dortier, 2016:153). Esse dado está relacionado com o momento da vida em que se é atraído para a corrida, na faixa entre 30 e 49 anos, faixa, de acordo com o estudioso, em que se encontra um maior número de corredores. Ele compreende esse dado através do fato de que é uma fase da vida que sucede o processo de engajamento em uma vida profissional, formação de família, chegada dos filhos, compra de uma morada. Assim, o retorno ou a entrada no esporte seria uma maneira de se liberar da pressão

profissional e familiar: “Ao tirar o tênis do armário, nos autorizamos uma escapada, uma pequena ruptura com o mundo ordinário e suas preocupações” (Dortier, 2016 :156).

O autor compreende, ainda, que a passagem para uma prática regular depende de alguns fatores mais decisivos do que somente boa vontade. Os fatores do novo caminho estão relacionados a uma mudança pessoal e envolve “As disposições físicas e psicológicas pessoais [que] desempenham um papel essencial, mas difícil de explicar” (Dortier, 2016 :158).

Já Lahire (2002) discute sobre as maneiras como uma parte das experiências passadas, quando incorporadas, são mobilizadas, convocadas e despertadas pela situação presente. Ele elabora uma crítica às teses da unicidade e da homogeneidade, tanto da cultura como do ator e pergunta: “Procurar ‘a’ fórmula geradora das práticas de um ator, reconstituir ‘o’ estilo e (‘cognitivo’ ou ‘de vida’), que perdura e se manifesta nos domínios mais diferentes de atividade, não é compartilhar a ilusão comum da unicidade e da invariabilidade?” (Lahire, 2002:21). O autor tem em perspectiva a pluralidade dos esquemas de experiências incorporados que, na situação aqui abordada — iniciar a prática da corrida e se tornar um(a) corredor(a) regular — vincula-se às disposições orientadas para um esporte específico: a corrida de rua. As disposições são indissociáveis das ações. Estão no princípio das práticas. Ainda sobre a etapa do corredor regular, Dortier lembra de que,

Por trás da prática regular da corrida esconde uma lição de vida. Uma mudança pessoal não pode se instaurar se apoiando unicamente sobre os hábitos ou atividades de vontade: é preciso sobretudo se impor regras a si e ao entorno: na ausência de horários e de princípios “santificados” encontramos-nos permanentemente balançados entre os seus desejos sempre mutáveis e as solicitações exteriores que pressionam (Dortier, 2016 :16).

Vamos, então, para uma outra etapa na carreira do corredor, identificada pelo autor quando correr se torna uma regra de vida. Ele explica que:

Uma regra social funciona segundo uma lógica que nem é aquela de uma rotina cega e automatizada, nem o inverso, um ato de vontade ou escolha deliberada... Uma regra de vida funciona como uma conversão que não tem mais necessidade de ser motivada, justificada e legitimada...Eu vou correr tal dia e tal hora porque é a hora de ir, simplesmente, e não porque estou louco para correr. Um grande número de nossas atividades são regidas por tais regras: beber um café depois das refeições, ou ligar a TV à certa hora. Isso que nós percebemos como um hábito repousando sobre a força do condicionamento psicológico é de fato uma regra, uma rotina que termina por se cristalizar em ritual (Dortier, 2016 :160-161).

No que diz respeito aos corredores do Carapaus, os dados coletados mostram que “perder peso” foi a alavanca para dar início à prática da corrida, dentre quatro dos seis que responderam ao questionário. Os dois restantes tiveram como principal motivo para correr, respectivamente, “superar problemas de saúde” e “manter a forma”. Dentre nossos corredores, cinco se engajaram na corrida entre os 30 e 41 anos e um aos 55 anos.

Quanto ao tempo de corrida, três correm há mais de dez anos; dois há quatro anos, e um há um ano. O tempo de permanência na prática da corrida pode nos dizer quão consolidada ela está na vida dessas pessoas? Penso que sim, no entanto, a maneira como essa consolidação se dá, vai variar de sujeito a sujeito e a condição de possibilidade que se lhe apresenta.

Como tratei antes neste trabalho, a participação nos eventos de corrida é reverberada nas redes sociais online, onde a apresentação dos corredores é marcada pela visibilidade de seus feitos, que são envoltos em significações positivas e indicam uma mudança de *status*, marcador fundamental na carreira de um(a) corredor(a). Dortier (2016) afirma que a experiência de uma prova é fundante, tem uma forte carga emocional, torna-se uma referência implícita, uma ancoragem para os (as) corredores(as).

Em relação à participação em eventos de corrida, dos seis atletas, quatro já participaram. Desses quatro, os dois que correm há mais de dez anos, já estiveram em mais de 100 e mais de 50 eventos, respectivamente. Os dois membros que correm há quatro anos disputaram mais de 50 provas. Dos que nunca participaram de um evento de corrida, um corre há menos de um ano e o outro há mais de 10 anos. Este último me chamou a atenção, pois nesse movimento mundial de proliferação de eventos de corrida, é uma experiência comum aos corredores ter participado de provas. As narrativas que proliferam nas mídias, nas redes sociais online, mostram como as provas levam os corredores a sentimentos de sucesso, de superação, de realização, também de frustração, mas que é acolhida como parte do decurso de tornar-se corredor(a).

Um outro dado que me chamou a atenção é o fato de que os dois membros que correm há mais de dez anos, e participam de eventos, nunca participaram de maratonas, ao contrário dos dois que correm há quatro anos: um teve a participação em três maratonas e o outro em quatro. É suposto que, para enfrentar uma maratona, se precise de tempo para se preparar e alcançar um condicionamento condizente com o desafio da prova. Mas isso é suposição. A maratona, desde a sua criação, em 1896, vem sendo percorrida cada vez com menos dificuldade, mas não deixa de ser ainda um grande desafio, principalmente para o grande número de atletas amadores que correm por lazer. O crescente número de corredores (as) de maratona nos mostra como esse esporte tem sido cada vez mais o lugar onde se vivencia a experiência da superação.

Mas tem algo aqui que precisa ser considerado. Ao olhar para os dados dos atletas aludidos, percebo que aqueles que se inseriram na prática da corrida há menos tempo, quando isso se deu, já estava instaurado, no universo da corrida de rua, um *modus operandi*, uma mentalidade que apresentava ao corredor possibilidades de galgar, de forma rápida, uma carreira. Tempo e distância são devorados cada vez mais rápido, devido a treinamentos disciplinados e exaustivos, com aplicação de técnicas cada vez mais aperfeiçoadas, fruto de pesquisas no âmbito da ciência do esporte. Isso faz com que os (as)

corredores(as) sigam em frente e cada vez mais longe em menos tempo. Os grupos de treinamento têm um papel fundamental para isso acontecer.

Outro dado importante analisado diz respeito aos quilômetros que os entrevistados correm por semana. Dos três que estão no universo da corrida há mais de dez anos, dois fazem entre 30 e 50 km por semana, e um corre 12 km por semana (este membro nunca participou de eventos). Os que correm há quatro anos, fazem em média 30 km por semana. Aquele que corre menos de um ano treina, em média, 10 km por semana.

Os dados sobre a participação em eventos e quilômetros percorridos por semana mostram que o fato de um dos membros correr há mais de dez anos e ter a prática da corrida consolidada em sua vida cotidiana, não significa que houve um “avanço”. No mundo da corrida, ter “avanço” quer dizer correr mais e mais rápido, triunfar em eventos, o que é uma expectativa marcante no universo do corredor dos dias atuais. Entretanto, independentemente de quilômetros de treino e de participação em eventos, todos os corredores entrevistados consideram que superaram limites com a prática da corrida.

A seguir, farei menção ao papel do grupo no processo de engajamento e permanência na corrida.

Grupo e a trajetória de corredores

Se você corre e já teve a experiência de participar de grupos de corrida sabe que descobrir a corrida e se sentir realizado é uma coisa, outra coisa é persistir nela. Dortier (2016) destaca que como grande parte dos iniciantes tem consciência disso, criam dispositivos para amenizar sua própria inconstância. É aqui que se evidencia uma das funcionalidades do grupo, considerando que

Os grupos restritos impulsionam novas motivações: o indivíduo se encontra em presença de modelos de rivais, de companhia, e de uma série de pequenas obrigações e de estímulos; estas novas motivações tomam o lugar das primeiras e engajam o indivíduo em uma nova dinâmica. [...] O suporte social pode se reduzir a uma dupla de amigos. Nesta sociabilidade amigável não se deve negligenciar o impacto do treinamento mútuo, outro fator chave para a prática regular (Dortier, 2016 :160).

Aqui, especificamente, vou me referir a três corredores do Carapaus que correm há mais de dez anos. Todos eles afirmaram que corriam sozinhos antes de entrar para o grupo, o que aconteceu entre dois a cinco anos atrás. Isso significa que, antes disso, eles fizeram sua carreira de corredores de forma solitária, sem o estímulo de um grupo ou de uma companhia que pudesse servir de incentivo, naquilo que Dortier (2016) chama de um suporte que funcione como um enquadramento para manter os treinamentos, tendo o grupo essa função.

Seria necessária uma entrevista com esses membros para compreender melhor essa realidade através de seus relatos, procurando saber como se desenvolveram em suas carreiras até a entrada no

Carapaus; saber como o pertencer a um grupo de corrida pode ser associado aos seus desempenhos. Isto não foi possível de ser realizado na pesquisa, porque “Em cada história singular é a ocasião de perceber, de identificar as forças que incitam a se engajar um pouco mais ou desengajar.” (Dortier, 2016: 170).

Por outro lado, três membros vão tendo suas carreiras vinculadas a grupos desde o início. Um membro que corria há quatro anos, entrou para o grupo há três e, antes disso, durante um ano, correu com outro grupo. Um outro membro que corre há quatro anos, não corria antes de entrar para o grupo e vem fazendo sua carreira no Carapaus. E temos um iniciante que já começou como membro do Carapaus. Anteriormente fiz referência ao período entre 2012 e 2018, que foi marcado pelo aumento do número de grupos de corrida nos concelhos de Porto e Matosinhos, período que coincide com essas carreiras construídas desde o início ligadas a grupos.

Dos seis corredores inquiridos, dois treinam sempre com o Carapaus, o restante de vez em quando. No entanto, todos consideram o grupo importante para o desempenho como corredor(a), além do que, todos também ponderam que as pessoas são o principal motivo para permanecerem no grupo. Interessante é que as respostas dos(as) corredores(as) mostram que, apesar desses membros considerarem o grupo importante para o desempenho, as pessoas do grupo motivam mais a permanecer no grupo do que a possibilidade de melhorar o desempenho.

É bom destacar que uma presença flutuante dos corredores nos treinos, pelo menos no que diz respeito aos seis integrantes, não se liga a uma apreciação desfavorável do valor do grupo, já que outros fatores estão em jogo. E aqui me deparo com um problema, entre outros já mencionados, que poderia ser esclarecido com base nas narrativas desses sujeitos.

As considerações sobre a trajetória dos corredores, ou a condição dos corredores do Carapaus sugerem um processo progressivo de transformação positiva. Mas destaco que esse processo não é específico do Carapaus, e sim que está visível nas redes sociais online, onde corredores (as) encenam seus sucessos, suas capacidades de superação e são incensados (as) por seus pares. As publicações destinadas à prática da corrida de rua estão recheadas de narrativas positivas dessa transformação: “Eu mudei”, “sou outro (a)”, “me sinto mais feliz, mais satisfeito (a)”, “me sinto mais realizado (a)” “posso dizer que superei”, etc.... Mudança benéfica que, no dizer de Goffman (2003:112), “[...] provoca no eu da pessoa em seu esquema de imagens para julgar a si mesma e aos outros”. Um passado de sedentarismo, de peso corporal elevado, de vida solitária, de doenças, ou seja, um passado de faltas vai sendo deixado para trás.

As Interações *Online*: o Facebook

O *Facebook*, site de rede social está incorporado o processo de funcionamento do Carapaus, destacando-se como uma ferramenta de prática institucional por se constituir em uma rede social com suas “interações mediadas online”. Segundo Thompson(2018) “são as novas formas de ação e interação que foram criadas pela comunicação mediada por computador que ocorre em ambientes on-line” (Thompson, 2018: 20)

Sobre esse tipo de interação, Thompson (2018) explica que ela envolve a extensão das relações sociais através de tempo e espaço, tem um caráter dialógico; é orientada para uma multiplicidade de destinatários; promove novas formas de ação e interação. Para o autor, os sites de redes sociais (SRS), como *Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, são ótimos dispositivos cênicos para esse tipo de interação, porque

O *Facebook* e outros SRS facilitam uma forma distinta de interação social on-line, criando uma rede em constante expansão de relacionamentos sociais caracterizados por graus variados de familiaridade, e pela troca de conteúdo simbólico em múltiplos formatos e modalidades — mensagens, comentários, fotos, vídeos, feeds de notícias etc. — que é disponibilizado para outras pessoas com diversos graus de abertura e limite (Thompson, 2018 :20).

Recuero (2017) chama atenção de que,

Embora seja senso comum referirmo-nos às ferramentas sociais digitais, tais como o Facebook, Twitter, Orkut etc. como redes sociais, o conceito de rede social não é sinônimo delas. O Facebook por si só não apresenta redes sociais. É o modo de apropriação que as pessoas fazem dele que é capaz de desvelar redes que existem ou que são baseadas em estruturas sociais construídas por essas pessoas... uma vez que passem a usar o Facebook, os atores criarão ali redes sociais que passarão a ser exibidas por ele...As redes sociais na internet não são iguais, assim, em sua constituição, manutenção e publicização às redes sociais offline. São outro fenômeno, característico da apropriação dos sites de rede social” (Recuero, 2017: 23-25).

Na sua obra *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia* (1999), John. B. Thompson aborda outros três tipos de interação, nomeadas como “interação face a face”, “interação mediada” e “quase interação mediada”.

O entrelaçamento entre os grupos de corrida e os eventos de corrida com o Facebook tem me chamado a atenção, porque formata um modelo de organização/funcionamento das práticas de corrida. Os grupos criam suas páginas no *Facebook* e as alimentam com registros que vão desde os treinamentos, os eventos comemorativos, as provas nas quais seus membros estiveram presentes, até as chamadas para eventos, por exemplo. Imagens (em movimento ou não), palavras, gestos congelados em imagens que materializam sentimentos como alegria, tristeza, superação, solidariedade, vitória, são comuns nessas páginas. O entendimento é de que “... os sites de redes sociais são suportes, ferramentas, sistemas, softwares que permitem a interação social entre os atores, ao passo que as redes sociais seriam justamente essas interações, que podem ocorrer *on* ou *off-line* (Pereira de Sá; Polivanov, 2012:575).

A rede do Carapaus no *Facebook*, administrada pela treinadora, caracteriza-se por apresentar as ações registradas em fotos e vídeos de seus membros, nas mais diversas situações que envolvam as atividades do grupo. Aliás, esses tipos de postagens são predominantes. Nessa página, o indivíduo é pouco destacado, com mais evidência, quase sempre, para postagens de um coletivo em ação. São também raras as postagens e comentários de algum membro.

O conteúdo do *Facebook* do Carapaus é composto por fotos, vídeos, *gifs*, que são registros feitos durante treinos e eventos e por avisos e chamadas para eventos. As postagens são feitas, em sua maioria, pela administradora.

Os registros se constituem, em determinados momentos, como mecanismo para acionar e alimentar a memória do grupo, como foi feito durante o período de “distanciamento social”, entre os meses de março e junho, devido à pandemia da COVID-19. Dentro dessas circunstâncias, foram postadas compilações de imagens em vídeos de eventos que marcaram e tiveram grande envolvimento do grupo. Também existe compilação de imagens desde o início da formação até o momento da coleta dos dados que eu estava realizando, como um modo de contar a história do grupo, mostrar o que ele é e o caminho que percorreu. Considero que esses registros alimentam o sentimento de pertença ao grupo e fortalece os vínculos entre os seus membros. Constitui-se em uma maneira de não se esquecer o que cada membro representa na existência do grupo, e como o grupo está na vida de cada um de seus participantes. O Carapaus instituiu, durante a pandemia, aulas online, em parceria com a Xradiotv.pt, cuja sede está localizada na freguesia de Leça do Balio, que foram disponibilizadas no *Facebook*, demonstrando, a meu ver, o investimento dos treinadores na manutenção e coesão do grupo.

Outro exemplo que evidencia a forma como os treinadores buscam consolidar a união do grupo através do *Facebook*, diz respeito a uma chamada para a participação em um evento “solidário”. Nela, a treinadora atribui ao grupo um sentido que lhe confere um valor que vai além de sua determinação originária, que é caminhar e correr:

Este sábado podemos contribuir por um mundo melhor. Traz um amigo e de mão dada vem AJUDAR A LIMPAR os TRILHOS DO VALE DO LEÇA. São estas ações que marcam a diferença do CMC da União de Freguesias, não somos apenas um grupo de CORRIDA/CAMINHADA, somos muito mais que simples corredores ou caminhantes: fazemos acontecer.

Os registros fotográficos, que são ritualmente realizados no início de cada treino, não teriam sentido se não houvesse uma plataforma para abrigar e tornar público esses registros. Não mais se imobiliza fotos em um álbum que fica guardado no fundo de uma gaveta, armário ou estante, à espera de ser descoberto e, enfim, revelar-se em sua intimidade a poucos olhares. Esses registros encontram no *Facebook* a possibilidade de se espriar, de se mostrar a incontáveis olhares, de se convocar diferentes percepções.

O que está em jogo aqui não é a “narrativa de si”, mas o perfil de um grupo criado por um sujeito, onde se busca projetar uma determinada impressão desejada do grupo. Pode-se dizer que há um nível alto de controle por parte da administradora sobre essa projeção, que é legitimada pelos “outros” que são os próprios membros do Carapaus, já que o acesso à página só é permitido aos que fazem parte do grupo, ou que, de alguma maneira, estão envolvidos com o Centro de Marcha e Corrida. Pereira de Sá e Polivanov (2012) lembram que o *Facebook* é um ambiente semipúblico, portanto, pode-se escolher quem fará parte da “audiência”.

O Carapaus apresentado no *Facebook* nos deixa percebê-lo como um grupo coeso, sendo seus membros partícipes envolvidos. Posso dizer que os elementos que se destacam nas apresentações do grupo, no *Facebook*, é a integração e o envolvimento abarcados por um sentido de valor com uma carga emocional muito presente. Isso remete à importância do grupo para seus treinadores e destes para os outros membros.

Para finalizar este trabalho destaco que ao observar o Carapaus, vi que, apesar de seus membros estarem separados por suas respectivas atividades de caminhar ou de correr, não podem ser descolados um do outro. Antes de ser corredor ou caminhante, se é membro do Carapaus com seus valores, sua moral, suas práticas. Assinalei, em vários momentos que as ações que envolvem o grupo alcançam a todos, independentemente de pertencer ao grupo de corrida ou caminhada. Ações que o sustentam e revelam o seu sentido.

Referências

Dortier, J.(2016) **Après quoi tu cours?** Enquête sur la nature humaine. France: Editions Sciences Humaines.

Garcia, M. (2015)” Interacción y emociones: La microsociología de Randall Collins y la dimensión emocional de la interacción social”. **Perspectivas: Indivíduo e Sociedad**. 14 (2.) Disponível em: <<http://www.psicoperspectiva.cl>>.

Goffman, E (2011). **Ritual de interação**: Ensaio sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes. 2011

Lahire. B. (2002.). **O homem plural**: Os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes.

Oberlé, D. (2016). Vivre ensemble: Le groupe em psychologie sociale. Em Halpern, C. **Identité(s)**: L’individu, Le groupe, La société . France:Editions Sciences Humaines.

Pereira de sá, S; Polivanov, B (2012) “Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais”. Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura. Salvador: Poscom/Ufba.

Recuero, R. (2017). **Introdução à Análise das Redes Sociais Online**. Salvador: EDUFBA

Strauss, A (1999) **Espelhos e máscaras**: A busca de identidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Thompson, J. (1999). **A mídia e a modernidade**: Uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes.

Thompson, J.(2018) “Interação mediada na era digital”. **Matrizes**.12 (3).17-44. Disponível em <http://www.revsitas.usp.br>